

## EDUCAÇÃO TEOLÓGICA PARA UM MINISTÉRIO URBANO MULTICULTURAL

Valdeci S. Santos \*

### INTRODUÇÃO

As missões cristãs no início do terceiro milênio encontram-se em um momento cultural singular. Até um passado recente era comum referir-se à variedade cultural em termos locais, regionais e de grupos, mas nestes últimos dias testemunha-se o surgimento de uma cultura global. Três grandes indicadores desse fenômeno mundial são: a compressão tecnológica do tempo e do espaço,<sup>1</sup> a afirmação do inglês como *língua franca*,<sup>2</sup> e a crescente conscientização geral da realidade multicultural ao redor.<sup>3</sup> Nesta vila global, onde a população totalizava 1.7 bilhões de pessoas em 1900 e agora beira os 6 bilhões, migração humana é uma vertente contínua. A explosão urbana mais dramática nesses últimos anos ocorreu no Terceiro Mundo, onde "quase todo o aumento demográfico mundial nos próximos 30 anos terá lugar nas cidades dos países em desenvolvimento."<sup>4</sup>

Como resultado dessa "nova diáspora" nos países do Terceiro Mundo, o "nosso mundo" e o "mundo deles" ficam cada vez mais próximos, tornando impossível a qualquer cultura permanecer completa em si mesma.<sup>5</sup> Assim, predições sobre a vida futura diária em várias partes do mundo incluem mai-

ores contatos pessoais de diferentes formações culturais e étnicas. O cenário mais comum para esses encontros é a cidade e a ação missionária da Igreja nesse ambiente é especialmente desafiadora.

Uma abordagem da atividade missionária da Igreja no contexto urbano requer a consideração de, no mínimo, três pressuposições básicas. Primeiro, que urbanização é um processo sujeito à soberana providência de Deus. Deus não está surpreso nem espantado com o fato de que a cada dia, o mundo torna-se mais urbano.<sup>6</sup> Segundo, ainda que a necessidade espiritual do ser humano seja a mesma, tanto no campo quanto na cidade, tanto no passado quanto no presente, a expressão dessa necessidade encontra-se intimamente ligada ao contexto em que ele vive. Ainda que o evangelho seja o poder de Deus para a salvação de todo o que crê (Rm 1:16), tanto no campo quanto nas áreas urbanas, a comunicação desse Evangelho deve considerar os diversos fatores envolvidos na cosmovisão daqueles a serem alcançados, inclusive os fatores culturais.<sup>7</sup> Campos urbanos exigem estratégias missionárias específicas e, em muitos casos, diferentes das metodologias rurais preestabelecidas.

A terceira pressuposição quanto à ação missionária da Igreja no contexto urbano a ser considerada é a perspectiva de que o ministério urbano é crucial a qualquer estratégia de evangelização mundial. Especialmente as grandes cidades são centros de influência e intercâmbio mundial. Elas atuam como portões na aldeia global. A prática do mandato missionário de fazer discípulos de todas as nações [*μαθητεύσατε πάντα τὰ ἔθνη, mathêteusate panta ta ethnê*] em Mateus 28:19-20, é extremamente relevante nos cenários em que as etnias se encontram, ou seja, as megacidades.

O presente artigo aborda três tópicos preeminentes relacionados aos desafios missiológicos da Igreja cristã nos grandes centros urbanos: (1) a educação teológica, (2) a urbanização, e (3) a realidade multicultural e multiétnica das megacidades. Contudo, em vez de serem analisados separadamente, esses tópicos serão abordados em conjunto e sob a perspectiva do ministério cristão. Assim, este trabalho focalizará a importante tarefa de educar obreiros cristãos para o desafio multicultural dos centros urbanos. Tal análise é uma tentativa de compreender melhor as implicações do mandato missionário entregue por Jesus à sua Igreja (Mt 28:19-20, Mc 16:15, Lc 24:45-

\* Valdeci S. Santos é ministro presbiteriano, com mestrado em Teologia sistemática (Th.M.) e doutorado em Estudos Interculturais (Ph.D.) pelo Reformed Theological Seminary, Jackson, Estados Unidos. É pastor da Igreja Evangélica Suíça de São Paulo, SP, e professor de Teologia Sistemática e prática no Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper.

<sup>1</sup> Robert J. SCHREITER. *The New Catholicity*. Maryknoll, Nova Iorque: Orbis, 1997. p. 8.

<sup>2</sup> *Christianity Today*. "Now that we are global". 16 de Novembro, 1998. p. 47.

<sup>3</sup> Mark HUTCHINSON. "It's a small church after all" in *Christianity Today*. 16 de Novembro, 1998. p. 47.

<sup>4</sup> Erla ZWINGLE. "Cidades" in *National Geographic: Brasil*. Novembro, 2002. p. 110.

<sup>5</sup> HUTCHINSON. "It's a small". p. 48.

<sup>6</sup> Roger GREENWAY. *Ide e fazei discípulos: uma introdução às missões cristãs*. S.P.: Cultura Cristã, 2001. p. 131. Ver também Ray BAKKE. "The challenge of world evangelization to mission strategy" in Harvie M. CONN (org.). *Planting and Growing Urban Churches*. Grand Rapids: Baker, 1997. p. 79.

<sup>7</sup> David HESSELGRAVE *A comunicação transcultural do evangelho*. Vol. 1. S.P.: Vida Nova, 1994. pp. 45, 81-121.

48, e Jo 17:18 e 20:21). Objetivando clareza, o mesmo será dividido em três partes principais: (1) as dinâmicas da revolução urbana, (2) a atenção evangélica ao desafio urbano, e (3) a educação teológica para um ministério urbano multicultural. Sempre que necessário serão aplicadas subdivisões.

## AS DINÂMICAS DA REVOLUÇÃO URBANA

Estatísticas em urbanização e população mundial mostram que a explosão urbana requer séria reflexão acadêmica. Por volta de 1700 pouco menos de 2% da população mundial vivia em centros urbanos; 1996 foi o ano em que habitantes urbanos somaram 50% da população mundial, e não faltam predições de que por volta de 2025, 65% da população mundial estará vivendo em cidades.<sup>8</sup> “A última década do século XX apresenta um divisor de águas na história dos assentamentos humanos”, explica David Clark, “um período em que a localização da população mundial tem se tornado muito mais urbana que rural.”<sup>9</sup> Deve-se lembrar que marcos históricos são ocasiões para reflexão e análise, para olhar para trás e para diante, em um esforço de discernir os tempos. Assim, a crescente realidade urbana é um convite aberto a uma reflexão interdisciplinar, incluindo uma análise missiológica.

### Terminologias do Estudo Urbano

Interessados em estudos urbanos devem distinguir entre, ao menos, quatro conceitos intrínsecos aos mesmos. Primeiro, o conceito da **formação urbana**, o qual refere-se ao processo pelo qual cidades e vilas vêm a existir. No início, os estudos urbanos concentraram-se mais em formação urbana do que em qualquer outro aspecto da cidade.<sup>10</sup> Entretanto, teorias de formação urbana tornaram-se desinteressantes, pois pouco contribuíram para uma genuína teoria da cidade. **Crescimento urbano** é outra expressão a ser definida. A mesma diz respeito ao aumento quantitativo da população urbana. Segundo Clark: “Isso ocorre por meio de crescimento natural, que é o aumento em excesso do número de nascimentos sobre o de óbitos, e por meio de redes de migração.”<sup>11</sup> Todavia, o crescimento urbano apenas não resulta em urba-

<sup>8</sup> David CLARK. *Urban World/Global City*. Nova Iorque: Routledge, 1996. pp. 1-3.

<sup>9</sup> *Ibid.* p. 1.

<sup>10</sup> J. J. PALLEN. *O mundo urbano*. R.J.: Forense Universitária, 1975. pp. 26-57. Ver também Don MARTINDALE. “Prefatory remarks: The theory of the city,” in Max WEBER *The City*. Nova Iorque: The Free Press, 1966. p. 16.

<sup>11</sup> CLARK. *Urban World*. p. 40.

nização, uma vez que o crescimento rural pode também ocorrer na mesma proporção que o urbano.

**Urbanização**, o terceiro conceito a ser definido, é comumente entendido como o processo que produz o aumento de características urbanas na população. Alguns se referem à urbanização como um processo de desenvolvimento social.<sup>12</sup> Outros, numa defesa romântica dos valores rurais, acusam a urbanização de resultar em máquinas sociais complexas, as quais são mais aptas a quebrarem e se tornarem moralmente corruptas.<sup>13</sup> Todavia, ambas as posições têm sido fortemente questionadas por sociólogos e teólogos,<sup>14</sup> por entenderem que as mesmas não fazem jus ao processo da urbanização como um todo.

Finalmente, outro conceito muito utilizado em estudos urbanos é **urbanismo**. Embora no Brasil o termo seja erroneamente usado como sinônimo de paisagismo e melhoras na estrutura física da cidade, ele designa a cosmovisão urbana. Um dos primeiros a fazer uso desse conceito foi o sociólogo Louis Wirth, que o empregou para indicar um padrão único de comportamento, o qual seria dogmaticamente imposto pelo meio ao morador da cidade.<sup>15</sup> A posição de Wirth, porém, revelou-se determinista e comportamentalista, presumindo a existência de uma “personalidade urbana,” a qual seria o produto de três fatores característicos da cidade: (1) o tamanho, (2) a densa concentração populacional, e (3) o ajuntamento social heterogêneo. Defensores dessa teoria sustentam que moradores urbanos são mecanicamente caracterizados por relacionamentos superficiais, alienação social e instabilidade.<sup>16</sup>

Embora reconhecendo a validade das observações mencionadas acima, estudos urbanos mais recentes têm questionado a noção da existência de uma “personalidade urbana,” concluindo que os “cidadãos urbanos desfrutam de acesso a variados estilos de vida.”<sup>17</sup> Ainda que algumas cidades atendam ao prognóstico de Wirth, o mesmo não é verdade em tantos outros centros urbanos ao redor do mundo. Em lugar do estilo de vida dogmático, há

<sup>12</sup> PALLEN. *O mundo urbano*. p. 12. Ver também Alan GILBERT e Josef GUGLER. *Cities, Poverty and Development*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1994.

<sup>13</sup> J. Douglas UZZEL e Ronald PROVENCHER. *Urban anthropology*. Dubuque: Brown Company Publishers, 1976. p. 2.

<sup>14</sup> Por exemplo, CLARK. *Urban World*; e Harvie M. CONN (org.) *Planting and Growing Urban Churches*. Grand Rapids: Baker, 1997.

<sup>15</sup> Louis WIRTH. “Urbanism as a way of life” in Richard T. LEGATES e Frederic STOUT (org.) *The City Reader*. Nova Iorque: Routledge, 1996. pp. 189-197.

<sup>16</sup> *Ibid.* pp. 196s.

<sup>17</sup> CLARK. *Urban World*. p. 102.

casos em que o urbanismo é adotado como uma cosmovisão, a qual não é necessariamente imposta por compulsão, mas adotada por escolha individual. Isso explica o fato de que o urbanismo pode ser espalhado até mesmo por intermédio da mídia a áreas além dos limites urbanos, afetando o comportamento e a cosmovisão até daqueles que se encontram no campo.

### Focalizando o Crescimento Urbano

A complexidade urbana tem gerado uma série de interpretações e abordagens desse fenômeno. De acordo com Paul G. Hiebert, porém, na maioria das sociedades urbanas é possível encontrar ao menos seis fatores comuns: (1) níveis complexos de organização, (2) centros atrativos, (3) diversidade, (4) especializações, (5) hierarquia, e (6) mudanças.<sup>18</sup> O aspecto da diversidade urbana é especialmente relevante ao propósito deste artigo. À medida que crescem, as cidades atraem diferentes tipos de pessoas de diferentes formações étnicas e culturais. Esses grupos vivem em diferentes classes sociais, experimentam diversos graus de urbanização e desenvolvem relacionamentos heterogêneos.

No processo de crescimento urbano, como bem expressa M. Shaw Copeland, há aqueles que não viajaram para chegar à cidade, aqueles que foram atraídos a fazer tal viagem, aqueles que não desejaram fazer tal viagem, e aqueles que continuam a migrar para a cidade numa onda contínua, compungidos, em alguns casos, pela realidade sócio-econômica que os rodeia.<sup>19</sup> Essa migração representa um dos maiores movimentos populacionais e multiculturais da história.<sup>20</sup> Mesmo uma observação superficial da realidade nas megacidades parece ser suficiente para provar que o multiculturalismo é bem mais evidente nos aglomerados urbanos que nas zonas rurais.

A atração urbana aos grupos de diferentes formações culturais traz grandes implicações não apenas para os estudos sobre o crescimento urbano, mas também para os do urbanismo. Como foi visto acima, o crescimento urbano "ocorre tanto por meio de um crescimento natural, que é o aumento em excesso do número de nascimentos sobre o de óbitos, quanto por meio de redes de migração,"<sup>21</sup> que pode abranger refugiados, imigrantes e viajantes.

<sup>18</sup>Paul G. HIEBERT e Eloise H. MENESES. *Incarnational Ministry*. Grand Rapids: Baker, 1995. pp. 263-278.

<sup>19</sup>M. Shaw COPELAND. "Self-identity in a multicultural church in a multicultural context" in *The Multicultural Church*. Nova Iorque: Paulist Press, 1995. pp. 9-11.

<sup>20</sup>GREENWAY. *Ide e fazei discípulos*. p. 127.

<sup>21</sup>CLARK. *Urban World*. p. 40.

Também, devido ao fato que nem toda sociedade urbana é um *melting pot* (centro de fusão cultural), formas urbanas, urbanismo e estilos de vida na cidade assumem diferentes aspectos, dependendo da influência cultural dos grupos que habitam determinada área. Em outros países, alguns bairros das grandes cidades são denominados: "pequena Itália," "vilas irlandesas," e "bairros alemães," e outros.<sup>22</sup> Aqui no Brasil, esse fenômeno de agrupamentos étnicos não é tão frequente, mas há o caso de bolsões culturais, ou bairros formados a partir do ajuntamento sócio-econômico de alguns grupos. Tal mosaico social pode realmente produzir relacionamentos fracos, instabilidades e alienações na vida dos habitantes da cidade. Esse fator também tem sido considerado solo fértil para alguns dos maiores problemas das metrópoles, tais como racismo, preconceito, violência e miséria.<sup>23</sup> Como qualquer outro centro de pluralismo cultural, a sociedade urbana exige "atitudes e habilidades necessárias para lidar com a diversidade de uma maneira positiva."<sup>24</sup>

### Oportunidades Evangelísticas do Multiculturalismo Urbano

A realidade multicultural nas megacidades oferece uma fonte cumulativa de oportunidades evangelísticas. Na cidade, como diz Hiebert, o pluralismo étnico pode ser "uma barreira ou uma bênção, dependendo se o conduzimos ou não ao senhorio de Cristo."<sup>25</sup> O grande desafio nesse contexto, tanto quanto na região rural, é exortar pecadores a receber Jesus Cristo como seu Salvador, levando-os a reconhecer que, em última análise, eles estão perdidos sem ele.

No ambiente multicultural urbano, cristãos são confrontados com fato de que "nosso campo missionário se mudou para nossa vizinhança."<sup>26</sup> Assim, "a obediência à Grande Comissão, em termos de evangelização que cruza culturas requer apenas que atravessemos a rua onde moramos."<sup>27</sup> Praticamen-

<sup>22</sup>W. A. SHACK. "Urban ethnicity and the cultural process of urbanization in Ethiopia" in Aidan SOUTHALL (org.) *Urban Anthropology*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1973. p. 251.

<sup>23</sup>Neil C. KALT e Sheldon S. ZALKIND. *Urban Problems*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1976. pp. 3-75.

<sup>24</sup>Alvino E. FANTINI. "Becoming better global citizens" in *Adult Learning* 2. Fevereiro, 1991. p. 16.

<sup>25</sup>Paul G. HIEBERT. "Ethnicity and evangelism in the Mennonite Brethren churches" in *Direction* 17. Primavera, 1998. p. 102.

<sup>26</sup>Enoch WAN (org.) *Missions Within Reach*. Hong Kong: China Alliance Press, 1995. p. xi.

<sup>27</sup>Ken B. BIRCH e Eusébio PEREZ. "Ethnic and Anglo Churches in Partnership" in Enoch WAN (org.) *Missions Within Reach*. Hong Kong: China Alliance Press, 1995. p. 62.

te em cada bairro dos grandes centros urbanos há, no mínimo, um restaurante, uma lojinha de presentes, ou uma quitanda cujo proprietário veio de outro país.

Na diversidade cultural da cidade, a atividade evangelística requer meios que envolvam relacionamentos, discipulados, evangelismo como estilo de vida, interação e ação social mais que qualquer outra estratégia missionária. Assim, grande atenção deve ser dada à verdade de que cada cristão é um “ganhador de almas”. O grande problema com a falta de evangelismo transcultural no mosaico urbano não é econômico nem estratégico, mas falta de dedicação pessoal. Racismo ou qualquer outra forma de segregação racial não devem ser vistos como manifestações de pressuposições hierárquicas ou evolucionistas, mas como formas de oposição ao plano divino para alcançar as nações (Gn 12:3, Mt 28:19, Gl 3:8, e Ap 15:4). Abertura a “outras raças” é uma *conditio sine qua non* para o evangelismo transcultural no mercado, escolas e vizinhança nos grandes centros urbanos.

### ATENÇÃO EVANGÉLICA AO DESAFIO URBANO

O cristianismo não é um movimento acultural nem anticultural, mas sempre se desenvolve dentro de uma cultura e, tem sido determinante na formação de variadas culturas. Portanto, o multiculturalismo tem um fator de importância decisiva sobre o crescimento da Igreja cristã.<sup>28</sup> Especialmente nesses últimos dias “o cristianismo tem avançado além de seus muros culturais para se engajar no mundo de uma forma mais global e universal.”<sup>29</sup> Os cristãos são convidados a desenvolver uma teologia que leve culturas e multiculturalismo mais a sério.<sup>30</sup> Essa realidade multicultural traz grandes implicações à atividade missionária da igreja, pois a Grande Comissão ordena que a mesma faça discípulos de “todas as nações” (Mt. 28:19). Logo, respeito e consideração às diferentes etnias são importantes “passos em prol das missões cristãs.”<sup>31</sup>

Charles Van Engen defende que “o mundo multicultural exige um novo

<sup>28</sup> David T. LEE. “Missionary training by nationals.” Material não-publicado apresentado na Trinity Evangelical Divinity School em 24 de Outubro, 1991. p. 5.

<sup>29</sup> HUTCHINSON. “It’s a Small”. p. 46.

<sup>30</sup> COPELAND. *Self-identity*. p. 22.

<sup>31</sup> LEE. *Missionary*. p. 31.

paradigma que integre mais vivamente Igreja, unidade e missões.”<sup>32</sup> Ele também enfatiza que “desde que a missão de Deus busca cuidadosamente um equilíbrio entre universalidade e particularidade, as igrejas (...) deveriam lutar por ser tão multiétnicas quanto seus contextos sociais.”<sup>33</sup> Uma revisão da atenção evangélica a esse respeito ao longo dos anos revela alguns pontos de erros e acertos.

### Revisão Histórica

Uma análise da literatura sobre o interesse dos evangélicos pela cidade mostra um desenvolvimento dinâmico a partir de 1970. Uma das primeiras vozes a despertar esse interesse foi a de Donald A. McGavran. Ao analisar o crescimento da população urbana no mundo, ele sugeriu que a evangelização desses centros seja, “talvez, a tarefa mais urgente que confronta a igreja.”<sup>34</sup> Quase uma década depois dessa observação, McGavran chamou a atenção dos evangélicos para as aglomerações multiétnicas nas áreas urbanas.<sup>35</sup> De acordo com Harvie M. Conn, a ênfase de McGavran sobre “grupos raciais” alterou o interesse missionário que, em vez de “focalizar em ganhar um a um, ‘contra a correnteza,’ passou a dar uma atenção maior às influências étnicas e socioculturais na evangelização e na plantação de igrejas.”<sup>36</sup> Paralelamente a essa preocupação com a multiétnicidade havia uma atenção ao multiculturalismo urbano.

Da Consulta Global da Evangelização Mundial em Pattaya, Tailândia, em 1980, resultou uma atenção mais específica à evangelização urbana. Naquela ocasião, houve uma consulta intitulada “Alcançando Metrôpoles” que insistiu na tese: “É imperativo (...) que estrategistas em evangelização urbana aprendam a analisar e discernir as formas e funções essenciais de suas cidades.”<sup>37</sup> Outra contribuição daquela consulta foi a indicação de Ray Bakke como o coordenador de um “programa de acompanhamento especialmente

<sup>32</sup> Charles Van ENGEN. *Mission on the Way*. Grand Rapids: Baker, 1996. p. 257.

<sup>33</sup> Charles Van ENGEN. “The complementary of universality and particularity in God’s mission.” Material não-publicado apresentada na Trinity Evangelical Divinity School. Novembro, 1997. p. 2.

<sup>34</sup> Donald A. MCGAVRAN. *Understanding Church Growth*. Grand Rapids: Eerdmans, 1970. p. 295.

<sup>35</sup> Donald A. MCGAVRAN. *Ethnic Realities and the Church*. South Pasadena: William Carey Library, 1979. pp. 157-160.

<sup>36</sup> CONN. *Planting and growing*. p. 27.

<sup>37</sup> “The Thailand Report on Large Cities”. 1980 p. 4. Material não-publicado.

dirigido às grandes cidades do mundo."<sup>38</sup> No final da década de 1980, na Segunda Conferência de Lausanne, em Manila, os evangélicos já buscavam um diálogo especialmente orientado às missões urbanas.<sup>39</sup> Contribuições individuais sobre esse tópico vieram também de acadêmicos como Roger S. Greenway, Ray Bakke, R. Linthicum, H. M. Conn, Charles Van Engen e Julie Tiersma.

Entre os evangélicos no Brasil, já havia um chamado a uma atenção especial para com a cidade na preocupação de se encontrar estratégias próprias para a comunicação do Evangelho ao operário urbano na década de 1960.<sup>40</sup> Mais tarde, a Conferência sobre Evangelismo Urbano realizada pelos Batistas em Belo Horizonte em meados da década de 1970<sup>41</sup> e os estudos realizados pela pastoral urbana da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB),<sup>42</sup> serviram como marcos para o desenvolvimento desse interesse. Não se pode esquecer, também, das contribuições práticas de trabalhos como os da Visão Mundial e da ênfase evangelística do movimento de batalha espiritual<sup>43</sup> que despertaram o zelo da igreja evangélica brasileira para a realidade do contexto urbano.

Comentando o desenvolvimento da abordagem evangélica à cidade, Conn sugere três fatores a serem notados. Primeiro, o cristianismo mundial reconhece a necessidade de maior preparação e pesquisa para o campo urbano. Segundo, o uso evangélico da antropologia cultural em sua abordagem da cidade tem trazido importantes contribuições para uma abordagem urbana mais integral. E, terceiro, a despeito de sua natureza anti-bíblica e de seu uso controverso, as estratégias de mapeamento espiritual e marchas de oração, contribuíram para que a atenção evangélica se voltasse às massas urbanas.<sup>44</sup>

No que diz respeito à atenção evangélica concentrada ao multiculturalismo, a mesma resultou de um progresso a partir das discussões sobre racismo e transição racial,<sup>45</sup> bem como sobre o Princípio de Unidade

Homogênea, a receber maiores detalhes posteriormente neste artigo. Maiores contribuições sobre as oportunidades e desafios evangelísticos nas megacidades, bem como sobre a necessidade de uma educação teológica dirigida ao alcance da realidade multicultural nos centros urbanos ainda são urgentemente necessárias.

### Modelos Evangélicos de Abordagem à Cidade

A interpretação dos centros urbanos revela diferentes formas e significados dependendo das pressuposições daqueles que as conduzem. Revendo as abordagens existentes no meio evangélico, Conn apresenta um esquema elucidativo e muito proveitoso. Baseado na analogia de H. Richard Niebuhr sobre cristianismo e cultura, Conn distingue três interpretações evangélicas sobre a cidade: (1) o modelo Cristo *versus* cidade, (2) o modelo Cristo e a cidade em paradoxo, e (3) o modelo de Cristo transformando a cidade.<sup>46</sup> Paradoxalmente, tais modelos não são mutuamente exclusivos, mas especialmente nas últimas décadas, eles podem estar até mesmo interligados.

O modelo "Cristo *versus* cidade" é especialmente caracterizado por uma mentalidade de condenação ao ambiente urbano. Suas maiores fontes não são as Escrituras, mas literaturas acadêmicas que descrevem a cidade como sendo o berço do individualismo e secularismo, enquanto que a zona rural é romanticamente interpretada como sendo um lugar sagrado.<sup>47</sup> Um dos representantes desse modelo é o filósofo evangélico Jacques Ellul, que interpreta a cidade como sendo uma expressão da rebelião do homem contra Deus.<sup>48</sup>

O modelo "Cristo e a cidade em paradoxo" é uma abordagem *tanto/quanto*, o qual vê a cidade como um centro de rebelião contra Deus, mas com grande potencial de ser subjugada pelo senhorio de Cristo. Nesse contexto, a Igreja é vista como peregrina que não tem nenhum lugar nesta cidade, buscando, porém, influenciá-la com a mensagem do evangelho. Um representante destacado desta posição tem sido Robert Linthicum com sua obra *Cidade de Deus/Cidade de Satanás*.<sup>49</sup>

Por último, o modelo "Cristo transformando a cidade" é um modelo de esperança e afirmação de que Deus pode mudar o quadro caótico tanto no contexto urbano quanto no rural. Esse modelo acentua o elo bíblico existente

<sup>38</sup>CONN *Planting and growing*. p. 27.

<sup>39</sup>*Ibid.* p. 28.

<sup>40</sup>Richard C. SMITH. "Evangelização industrial" in *Revista Teológica*. Julho e Dezembro, 1964. pp. 91-113.

<sup>41</sup>João F. SOBRINHO *et al.* *Cristo na cidade*. R.J.: JUERP, 1978.

<sup>42</sup>Oneide BOBSIN (org.) *Desafios Urbanos à Igreja*. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

<sup>43</sup>Augustus N. LOPES. *O que Você Precisa Saber sobre Batalha Espiritual*. S.P.: Cultura Cristã, 1998<sup>2</sup>. pp. 49s.

<sup>44</sup>CONN. *Planting and growing*. pp. 28-33.

<sup>45</sup>C. Kirk HADAWAY. "Learning from church research" in Harvie M. CONN (org.) *Planting and Growing Urban Churches*. Grand Rapids: Baker, 1997. pp. 41-42.

<sup>46</sup>CONN. *Planting and growing*. pp. 197-202.

<sup>47</sup>MARTINDALE. *Prefatory*. pp. 16s.

<sup>48</sup>J. ELLUL. *The Meaning of the City*. Grand Rapids: Eerdmans, 1970.

<sup>49</sup>Robert C. LINTHICUM. *Cidade de Deus/Cidade de Satanás*. Belo Horizonte: Missão Editora, 1993.

entre criação e redenção e procura ver a urbanização global como um processo debaixo da soberania de Deus.<sup>50</sup> Dentre seus representantes temos missiólogos como: Conn, Bakke, Greenway, Van Engen e Tiersma.

No Brasil, cada um desses modelos tem encontrado seus defensores e propagadores. A interpretação predominante na literatura evangélica brasileira, porém, é a que vê a cidade e Cristo em paradoxo.<sup>51</sup> Há, dessa forma, a necessidade de um estudo mais minucioso sobre os resultados da aplicação de cada um desses modelos à realidade da Igreja brasileira.

### Abordagens Evangélicas sobre o Multiculturalismo

Uma reflexão quanto à postura evangélica sobre o multiculturalismo deve necessariamente incluir um reexame do "Princípio de Unidade Homogênea" (PUH). Ainda que muitos no Brasil não estejam familiarizados com a expressão, não seria de estranhar a constatação de que tantos outros tenham abraçado o princípio, mesmo que inconscientemente. O PUH é um dos pilares do Movimento de Crescimento da Igreja, esboçado pela Escola Mundial de Missões [World School of Mission] do Seminário Teológico de Fuller, em Pasadena, Califórnia. A expressão "unidade homogênea" foi originalmente usada para descrever "um setor da sociedade em que todos os membros têm alguma característica em comum."<sup>52</sup> Foi baseada na pressuposição de que pessoas gostam de se tornar cristãs sem ter de cruzar barreiras raciais, linguísticas ou de classes sociais.

Donald M. McGavran desenvolveu o PUH a partir de observações extraídas de assentamentos rurais do Terceiro Mundo.<sup>53</sup> Quando a teoria de McGavran foi aplicada ao contexto urbano americano, por exemplo, os resultados foram menos que satisfatórios. Dentre tais resultados houve até mesmo acusações de insensibilidade e de segregação cultural.<sup>54</sup>

Respondendo às críticas levantadas, Peter Wagner insiste em que a teoria de McGavran sobre o PUH foi descritiva, e não normativa; fenomenológica, não teológica; e que o PUH deveria ser um princípio

evangelístico e não uma estratégia de crescimento eclesiástico.<sup>55</sup> Van Engen, porém, sabiamente observa que o que houve foi uma ênfase exagerada na aplicação do PUH por parte de seus elaboradores e propagadores, o que fez com que seu aspecto positivo de sensibilidade cultural fosse confundido com o mal da segregação racial.<sup>56</sup>

Como caminho alternativo, David Britt sugere o princípio de congruência e não o PUH a ser aplicado missiologicamente. O princípio de congruência, segundo ele, focaliza não apenas aspectos raciais, mas princípios comuns da cosmovisão de um grupo.<sup>57</sup> Assim, as pessoas seriam mais facilmente abordadas a partir de um ponto de contato, mesmo não sendo este, muitas vezes, um aspecto puramente étnico. Dessa forma, o trabalho missionário em um contexto multicultural seria teoricamente mais eficazmente desenvolvido por meio de relacionamentos interpessoais. Essas observações parecem estar em harmonia com as variadas experiências de alguns missionários a serviço aqui no Brasil.<sup>58</sup>

## EDUCAÇÃO TEOLÓGICA PARA UM MINISTÉRIO URBANO MULTICULTURAL

A diversidade cultural e étnica parece estar sempre apresentando desafios teológicos e práticos aos cristãos. Entre esses desafios estão o reconhecimento e o convívio necessários provenientes da diversidade cultural, o respeito pelas diferenças, e o estabelecimento de um fórum prático de comunicação e cooperação.<sup>59</sup> Uma sociedade multicultural ainda força a lembrança de que a imagem do Reino de Deus oferecida nas Escrituras é a de um reino multiétnico e multicultural, e não de uma realidade monomórfica. A Igreja neotestamentária também ministrou e proclamou o Evangelho em um contexto multicultural e, por sua vez, urbano (cf. At 2:5-12; 13:1-3). Tais fatores podem ser utilizados como combustível em prol do esforço por encontrar

<sup>50</sup>BAKKE. *The challenge of world*. p. 79.

<sup>51</sup>Além do livro de Linthicum, veja, por exemplo, os livros da série *Sua Cidade Para Cristo* da Editora Sepal, São Paulo, SP. Também, veja o livro de John DAWSON. *Reconquiste sua cidade para Deus*. Venda Nova: Betânia, 1989.

<sup>52</sup>D. A. MCGAVRAN. *Understanding Church Growth*. Edição Revisada. Grand Rapids: Eerdmans, 1994. p. 68.

<sup>53</sup>David BRITT. "From homogeneity to congruence" in Harvie M. CONN (org.) *Planting and Growing Urban Churches*. Grand Rapids: Baker, 1997. p. 136.

<sup>54</sup>*Ibid.* p. 136.

<sup>55</sup>C. Peter WAGNER. *Church Growth and the Whole Gospel*. Nova Iorque: Harper & Row, 1981. pp. 167-183.

<sup>56</sup>Van ENGEN. *The Complementar*. p. 23.

<sup>57</sup>BRITT. *Homogeneity*. p. 142.

<sup>58</sup>Bárbara BURNS, Décio de AZEVEDO, e Paulo B. F. de CARMINATI. *Costumes e Culturas: Uma Introdução à Antropologia Missionária. Baseado na obra de Eugene A. Nida*. S.P.: Vida Nova, 1995.

<sup>59</sup>SCHREITER. *Catholicity*. p. 95.

uma metodologia e elaborar um currículo de educação teológica que seja contextual e relevante aos desafios urbanos que cercam a Igreja nas megacidades.

### Educação Dirigida ao Ministério Urbano

Estudiosos geralmente concordam que a preparação para o ministério urbano deve ser uma forma especializada de educação teológica. Tal argumento é especialmente baseado em três fatores. Primeiro, o fato de que “no passado, grande parte do enfoque de cursos missiológicos caiu sobre o trabalho missionário entre tribos e pessoas de vilas.”<sup>60</sup> O mundo urbano requer o uso de métodos diferentes e teorias complementares em evangelismo e educação teológica. Segundo, a complexidade da cidade. Como Greenway sugere, “educação missiológica [e teológica] nas próximas décadas deve aguardar grandes exigências, pois devem ser oferecidas respostas às questões complexas deste contexto urbano.”<sup>61</sup> E terceiro, os clamores vindos das igrejas e obreiros nos campos urbanos. Conn informa que durante os preparativos para os trabalhos da ACTEA,<sup>62</sup> em 1990, 69 das 80 respostas recebidas pelo comitê organizador defenderam treinamento teológico para ministério urbano como uma condição essencial para a igreja contemporânea.<sup>63</sup> Também, a falta de treinamento especializado para o ministério urbano tem se tornado uma fonte de tensão e atrito missionário em diferentes campos. Conn afirma que a reação natural do missionário que recebeu treinamento para zona rural, quando chega na cidade, é dizer, “O campo eu conheço, mas a cidade parece demasiadamente grande e proibida. Por onde começo?”<sup>64</sup> Assim, a preparação missionária para esse mundo urbano precisa considerar os desafios e oportunidades da urbanização e do urbanismo.

Na discussão sobre urbanização e educação teológica, deve-se ter cuidado para não se perder diante do grande número de sugestões existentes. Resistindo a algumas tentativas superficiais, Conn defende que a educação para o ministério urbano necessita ser mais do que meros “apêndices,” ou seja, cursos optativos no currículo de um seminário.<sup>65</sup> Ele insiste que tal edu-

cação precisa também ser mais que noções socioeconômicas ou um acúmulo de teorias acadêmicas. Sua sugestão é que uma educação teológica efetiva para um ministério urbano deve ensinar a “olhar demograficamente a vizinhança com os olhos de Cristo.”<sup>66</sup>

Desenvolvendo a sugestão de Conn, Sydney H. Rooy sustenta a idéia que a educação para o ministério urbano deve enfatizar transformação, reconciliação, reavaliação do comportamento cristão nesses contextos, bem como programas que propaguem o amor e a justiça.<sup>67</sup> Sua opinião é que, somente aplicando esses princípios, o trabalho missionário contribuirá significativamente para a transformação dos contextos urbanos. Além do mais, a educação efetiva para um ministério urbano deveria consistir em uma mistura dos desenvolvimentos cognitivo, prático e pessoal, os quais deveriam ser empregados na formação de um ministério contextual.<sup>68</sup>

Uma análise da literatura sobre a educação teológica no meio evangélico brasileiro evidencia dois aspectos básicos. Primeiro, uma preocupação com a proliferação de cursos teológicos, contando inclusive com a aprovação do MEC.<sup>69</sup> E, segundo, a busca por uma filosofia de ensino que ofereça “subsídios para responder aos desafios sociais, políticos e religiosos de nossa realidade.”<sup>70</sup> Curiosamente, porém, vários seminários e institutos bíblicos no Brasil revelam uma falta de currículos adequadamente voltados para a formação de obreiros e missionários urbanos. O mais próximo que tais instituições chegam desse ideal, é oferecer uma matéria de evangelismo e missões em seus currículos.

### A Busca de uma Metodologia Própria

Devido à diversidade do contexto multicultural urbano, três aspectos devem ser cuidadosamente analisados na busca por uma metodologia correta a ser aplicada ao processo educacional para tal contexto. Esses aspectos são: (1) a natureza da educação teológica, (2) o propósito da educação teológica, e (3) os paralelos metodológicos a serem adotados. Com respeito ao primeiro,

<sup>60</sup>GREENWAY. *Urbanization*. p. 146.

<sup>61</sup>*Ibid.* p. 145.

<sup>62</sup>Accrediting Council for Theological Education in Africa (Conselho de Credenciamento de Educação Teológica na África).

<sup>63</sup>Harvie M. CONN. “Theological education for the city” in *Urban Mission*. Dezembro, 1992. p. 3.

<sup>64</sup>*Ibid.* p. 3.

<sup>65</sup>*Ibid.* p. 4.

<sup>66</sup>*Ibid.*

<sup>67</sup>Sydney H. ROOY. “Theological education for urban mission” in Roger S. GREENWAY (org.) *Discipling the City*. Grand Rapids: Baker, 1992. pp. 228-235.

<sup>68</sup>José COMBLIN. *Viver na Cidade*. S.P.: Paulus, 1996.

<sup>69</sup>Élton O. NUNES. “Reconhecimento do MEC para cursos de teologia” in *Jornal Soma*. Fevereiro, 2001. p. 9.

<sup>70</sup>Wilson do AMARAL FILHO. “Educação teológica nos seminários da IPB” in *Revista Teológica*. Maio-Agosto, 1997. pp. 67-73. e Junta de Educação Teológica, “Reforma da educação Teológica da IPB” in *Brasil Presbiteriano*. Novembro, 2000. p. 16.

deve-se observar que educação teológica é educação acerca do conhecimento de Deus, é educação voltada para o povo de Deus, é educação que equipa e prepara para o serviço a Deus.<sup>71</sup> Além do mais, de acordo com Efésios 4:11-16, essa é uma educação que capacita para o ministério de capacitadores. Nesse sentido, educação teológica difere de educação secular e mesmo da educação cristã em geral. Ainda que o Novo Testamento apresente a Igreja com uma comunidade ministerial e, ainda que em certo sentido a educação teológica é educação para a Igreja,<sup>72</sup> o principal objetivo da mesma é preparar para o ministério eclesiástico.

A busca por uma metodologia própria ainda nos conduz a uma reflexão sobre o propósito da educação teológica. De acordo com Robert W. Ferris, "o processo da educação teológica inevitavelmente flui das percepções sobre o seu propósito e objetivo."<sup>73</sup> No nível humano, o objetivo da educação teológica deve dirigir-se ao tipo de pessoas nas quais esperamos que os estudantes se tornem. Então, se a conformidade com a imagem de Cristo é um dos principais alvos na vida do cristão, a educação teológica deve ser profundamente comprometida com a formação moral e espiritual dos que a recebem. Conforme expressa Nuñez: "A educação teológica não é um fim em si mesma. Ela é apenas um meio disponível para cumprirmos o mandato missionário dado pelo Senhor Jesus aos seus discípulos."<sup>74</sup> Assim, educação teológica deve estar sempre centralizada em Cristo e nas Sagradas Escrituras, e o currículo deve ser apenas um instrumento nesse processo educativo.

A busca por uma metodologia própria ao contexto multicultural urbano deveria obedecer alguns princípios que resultariam em uma "antropogogia," e não apenas em uma "pedagogia."<sup>75</sup> Tal ressalva visa distinguir entre homem e criança, maturidade e infância. Além do mais, educação teológica para o contexto urbano deveria seguir alguns princípios de contextualização, ou seja, "um esforço para deixar que a mensagem fale de uma maneira relevante às necessidades das pessoas nesta cultura urbana."<sup>76</sup> Tal forma de educação teo-

lógica deve ser sempre ativa no processo de providenciar oportunidades para essa comunicação contextual.<sup>77</sup>

Como modelo de educação para o contexto multicultural urbano brasileiro, a metodologia dialética de Paulo Freire apresenta vários aspectos positivos. Embora essa metodologia deva ser usada com uma certa cautela, por encontrar-se carregada de alguns pressupostos da Teologia da Libertação, a dialética de Freire traz importantes princípios de contextualização por intermédio de sua proposta de educação problematizadora, na qual o dialogismo resulta em uma inserção crítica do homem na realidade. De acordo com Freire, "a educação problematizadora se faz, assim, num esforço permanente através (sic) do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão *sendo* no mundo *com que e em que* se acham."<sup>78</sup> Assim, o educador geralmente apresenta ou aponta um problema real que requer uma resposta de seus alunos. Nesse processo dialético, a educação é mais do que um processo que culmina em um acúmulo "bancário" de informações, o qual "sugere uma dicotomia inexistente homens-mundo."<sup>79</sup> Essa metodologia de ensino/aprendizado geralmente conduz à ação em vez de mera reflexão teórica.<sup>80</sup> Tal metodologia considera que os alunos estão, freqüentemente, mais prontos para participar no processo do seu aprendizado do que seus professores geralmente permitem. A teoria de Freire implica em que o educador atente para os tipos de experiências que seus alunos têm, quais os influenciam mais, como eles reagem às mesmas, e como essas experiências poderiam ser usadas no processo educacional dessas mesmas pessoas.

A importância da teoria educacional de Freire na educação teológica para um contexto urbano multicultural no Brasil baseia-se em dois fatores básicos. Primeiro, há um elemento de universalidade nesta teoria.<sup>81</sup> E, segundo, a mesma enfatiza o elemento experimental, que é essencialmente necessário nos encontros interculturais.<sup>82</sup> Além do mais, a metodologia de Freire aponta para a existência de absolutos na existência humana, o que poderia ser

<sup>71</sup> Dicumeme NOELLISTE. "Toward a theology of theological education" in *Evangelical Review of Theology*. Julho, 1995. pp. 298-306.

<sup>72</sup> Dwayne HUEBNER. "Can theological education be church educational" in *Union Seminary Quarterly Review* 47. 1993. pp. 23-38.

<sup>73</sup> Robert W. FERRIS. "The future of the theological education" in *Evangelical Review of Theology*. Julho, 1995. p. 251.

<sup>74</sup> Emilio A. NUÑEZ. "Accreditation and excellence" em *Evangelical Review of Theology*. Julho, 1995. p. 270.

<sup>75</sup> FERRIS. *The Future*. p. 252.

<sup>76</sup> NUÑEZ. *Accreditation*. p. 268.

<sup>77</sup> PAZMIÑO. *Designing*. p. 7.

<sup>78</sup> Paulo FREIRE. *Pedagogia do Oprimido*. S.P.: Editora Paz e Terra S/A. 1970. p. 72.

<sup>79</sup> *Ibid.* p. 62.

<sup>80</sup> William B. KENNEDY. "Conversation with Paulo Freire" in *Religious Education*. Outono, 1984. pp. 511-522.

<sup>81</sup> Kneen BREWSTER. "Uma resenha de *The pedagogy of the Oppressed* por Paulo Freire" in *Lutheran World* 1971. 18: p. 290.

<sup>82</sup> R. Michael PAIGE (org.) *Education for the Intercultural Experience*. Yarmouth: Intercultural Press. 1993. pp. 1-18.

propriamente usado na educação teológica daqueles que são equipados para o ministério urbano multicultural. Dentre esses absolutos, destacamos a realidade objetiva, a autenticidade e a verdade nas interações humanas.<sup>83</sup> Também, na concepção de Freire, não há educação dialética sem as virtudes fundamentais do amor, da humildade, da confiança no próximo, da esperança e da verdade aplicada ao pensar.<sup>84</sup> Certamente o educador cristão cuidadoso saberá fazer bom uso dos princípios envolvidos nessa teoria educacional.

### A Atenção a um Currículo

Além de ser comprometida com a formação do caráter e com a contextualização, a educação teológica para um ministério urbano multicultural precisa estar enraizada em princípios relevantes para experiências interculturais. A mesma precisa equipar pessoas para decifrar seu contexto social e comunicar a mensagem do evangelho tão eficientemente quanto possível nesse mesmo ambiente. Missionários em contextos multiculturais precisam ser capazes de reconhecer como a cultura afeta a identidade, o comportamento, as crenças, o conhecimento e a comunicação das pessoas.<sup>85</sup> Paige sugere quatro fatores necessários para o desenvolvimento dessa sensibilidade: (1) conhecimento da cultura a ser abordada, (2) acesso a variados encontros multiculturais, (3) competência na comunicação, (4) elementos de conexão com a outra cultura.<sup>86</sup> Cada um desses fatores deve ser considerado na elaboração de um currículo dirigido à educação teológica para um ministério em um contexto multicultural urbano.

Algumas características distintas dos contextos urbanos também pedem maior atenção a aspectos específicos na elaboração de currículos teológicos para os mesmos. Por exemplo, o caráter fragmentado das cidades requer elementos que promovam conexão e interações humanas. A dificuldade econômica presente nas cidades requer uma atenção à injustiça e às desigualdades sociais. Finalmente, o secularismo urbano convida a uma demonstração prática e sadia do relacionamento cristão.

Sugerindo um currículo teológico para contextos urbanos, Greenway apresenta alguns pontos básicos que podem ser adaptados a diferentes realidades sociais. Segundo ele, tal currículo deveria conter:

<sup>83</sup>FREIRE. *Pedagogia*. pp. 68-75.

<sup>84</sup>*Ibid.* pp. 80-82.

<sup>85</sup>Carley H. DODD. *Dynamics of Intercultural Communication*. Dubuque: Brown Publishers, 1991. p. 3.

<sup>86</sup>PAIGE. *Education*. p. 171.

1. Uma teologia bíblica da cidade e do ministério urbano.
2. Antropologia urbana, sociologia e estudos demográficos.
3. Contextualização do evangelho em contextos urbanos.
4. História dos ministérios e missões urbanas.
5. Natureza da miséria urbana e desenvolvimento comunitário.
6. Estrutura política urbana, sistemas sociais e prática da justiça.
7. Técnicas de pesquisa para o evangelismo urbano e o crescimento de igrejas.
8. Métodos e modelos para o evangelismo urbano.
9. Saúde física e mental em ambientes urbanos.
10. Utilização de mecanismos urbanos na pregação do evangelho.
11. Desenvolvimento de liderança na diversidade dos contextos urbanos.
12. Métodos de comunicação na cidade.
13. Religiões não-cristãs, seitas e cosmovisões alternativas presentes na cidade.
14. Princípios de educação e metodologias apropriadas a várias culturas e contextos sociais.
15. Espiritualidade urbana.<sup>87</sup>

Em um contexto urbano altamente multicultural, ênfase particular deve ser dada ao décimo quinto tópico neste currículo sugerido.

## CONCLUSÃO

Este artigo não explorou todos os desafios e oportunidades encontradas num contexto urbano multicultural. Ele apenas procurou analisar alguns aspectos dos desafios educacionais de tal contexto. Os aspectos aqui analisados apontam para as seguintes necessidades da educação teológica nesse contexto: (1) conteúdos integrados, (2) formação do conhecimento, e (3) metodologias flexíveis.

Precisam ser feitos estudos aprofundados sobre áreas específicas da educação teológica em contextos urbanos multiculturais. Tem havido um certo temor entre missionários urbanos de que,

<sup>87</sup>GREENWAY. *Urbanization*. pp. 146-147.

Por mais bem intencionados que os currículos tradicionais possam ser, eles são tão mal equipados para entender o complexo mundo urbano ou para treinar ministros e missionários para esses contextos, que precisam ser urgentemente revistos.<sup>88</sup>

Em apoio a essa linha de raciocínio, Pazmiño completa: “O desenvolvimento de um currículo para educação teológica urbana é uma tarefa que demanda coragem e imaginação.”<sup>89</sup> A essa última observação, dever-se-ia acrescentar: especial direção e sabedoria vindas do Senhor.

## RESENHAS \*

### MANUAL BÍBLICO VIDA NOVA

Lançado no segundo semestre de 2001, o *Manual Bíblico Vida Nova* tem preenchido com muita competência o espaço deixado pelo *Manual Bíblico de Halley*, durante mais de trinta anos publicado por Edições Vida Nova. Trata-se de obra inédita e com qualidades que lhe garantiram o *Prêmio ABEC 2001 de Literatura* na categoria *Livros de Referência*.

O *Manual* é o que há de melhor em língua portuguesa para leitores que precisam de informações fundamentais para uma navegação segura e confiável pelas águas do texto bíblico. É com esse tipo de leitor em mente que os vários colaboradores da obra original em inglês escreveram seus textos. Nem todo leitor da Bíblia pode ter os profundos conhecimentos de navegação que se exigem do capitão de um navio. Mas o *Manual* é mais do que suficiente para quem almeja dominar as informações que todo marinheiro experiente adquire ao longo da carreira.

É por isso que as páginas do novo *Manual* procuram apresentar informações indispensáveis para uma interpretação inteligente e responsável do texto sagrado. O bom intérprete da Palavra de Deus precisa, em primeiro lugar, compreender o significado que o texto bíblico teve para seus primeiros leitores, para, em seguida, ter condições de construir a ponte que o ajude a transpor o abismo cronológico, lingüístico e cultural que o separa dos primeiros leitores do texto inspirado. A construção da ponte para o significado é possível quando se reúnem os elementos informativos contidos nas cinco divisões do *Manual*.

A primeira trata de questões pertinentes à bibliologia, em que a Bíblia é estudada na qualidade de literatura, uma das mídias que Deus escolheu para se comunicar com o ser humano. Os capítulos que compõem essa primeira divisão do *Manual* apresentam tratamentos sérios de assuntos como inspiração e autoridade do texto bíblico, a formação do cânon, unidade, diversidade e singularidade dos 66 livros sagrados.

<sup>88</sup> *Ibid.* p. 147.

<sup>89</sup> PAZMIÑO. 1997. p. 17.

\* As opiniões dos autores das resenhas não refletem necessariamente a posição de *Vox Scripturae*.